

A FOFOCA E O FUXICO COMO CONHECIMENTO E UNIÃO ENTRE AS MULHERES EM UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

GOSSIP AND FUXIC AS KNOWLEDGE AND UNION AMONG WOMEN IN A PHENOMENOLOGICAL PERSPECTIVE

Ana Gabriela Colantoni*
anacolantoni@ufg.br

RESUMO: Se, por um lado, temos nossa subjetividade constituída a partir de mitos e fábulas, que são entes de uma verdade histórica, por outro lado temos a possibilidade de emancipação através da reescrita dessas histórias. Sob essa perspectiva, pretendo discutir a questão da fofoca entre as mulheres e assim repensá-la não mais como um simples capricho ou futilidade, mas como um processo de resistência diante de uma sociedade patriarcal e sexista.

PALAVRAS-CHAVE: Fofoca, Emancipação, Patriarcado.

ABSTRACT: If, on the one hand, we have our subjectivity constituted from myths and fables, which are entities of a historical truth, on the other hand, we have the possibility of emancipation through the rewriting of these stories. From this perspective, I intend to discuss the issue of gossip among women and thus rethink it no longer as a simple whim or futility, but as a process of resistance in the face of a patriarchal and sexist society.

KEYWORDS: Gossip, Emancipation, Patriarchy.

Introdução

Em outros trabalhos, discuti sobre o feminismo no âmbito ôntico e no âmbito ontológico. Mostrei que as contradições de princípios são desfeitas quando se considera a intencionalidade no eixo temporal. Podemos resumir o argumento rapidamente, da seguinte maneira: se, por um lado, ontologicamente, em uma projeção rumo a um futuro, queremos a não distinção de tratamento no que se refere ao gênero, por outro lado, para o presente, é preciso distinguir positivamente, no sentido de valorizar o que está desvalorizado como “coisas de mulher”, como forma de contraposição ao que está posto. Dessa maneira, eu criei o conceito de Mulheritude, como um movimento do agora, identificável nas artes, na filosofia, na sociologia, que subverte estereótipos daquilo que culturalmente é reunido pelas marcas da opressão sob o nome de mulher. Nesse sentido, esse trabalho pretende discutir sobre mais umas “coisas de mulher”: sobre as fofocas e os fuxicos.

Sabemos que as confissões, os discursos sobre os detalhes da vida íntima podem ser interpretados, em uma perspectiva da micropolítica, como instrumentos de controle e de punição. Entretanto, o objetivo desse trabalho é exatamente oposto: é o de mostrar como a

*Professora de Filosofia na Universidade Federal de Goiás (Câmpus Goiás). Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio sanduíche na Université de Paris. Fez pós-doutorado em Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia.

intimidade foi sendo cada vez mais banida da vida das pessoas, especialmente das mulheres e que isso sim pode ser observado como um mecanismo de controle e de punição.

Silvia Federici mostra que a transformação do significado da fofoca para um sentido pejorativo depois da Idade Média fez com que as mulheres perdessem forças com a diminuição de suas possibilidades de trabalho comunal e com o afastamento de possibilidades de conhecimento. Nesse trabalho, quero ainda mostrar que a preocupação dos homens com as fofocas das mulheres, é uma preocupação milenar.

Metodologia

A fenomenologia é uma corrente filosófica contemporânea, que contrapõe o modo de fazer filosofia da modernidade.

Na história da filosofia, desde a antiguidade, houve interesse na verdade e nos modos de acessar a verdade. Na antiguidade, por exemplo, a disputa epistemológica pelo acesso à verdade estava entre os sentidos e a razão. Por outro lado, no período da modernidade, Kant fez uma importante síntese nesse âmbito, ao estabelecer que o conhecimento é relacional entre aquele que pode conhecer (o sujeito) e aquele que pode ser conhecido (o objeto), de tal modo que, tanto a razão, quanto os objetos perceptíveis pelos sentidos fossem importantes. Para Kant, o conhecimento é o próprio fenômeno, mas o fenômeno é algo que se opõe ao númeno – à coisa em si – que permanece inacessível.

Contudo, na contemporaneidade, apesar do fato de que o fenômeno permaneça sendo o conhecimento (tal como é para Kant na modernidade), tal fenômeno não está cindido da coisa-em-si, ou seja, não está cindido da verdade. O fenômeno, para essa nova corrente, não vela o ser, mas o revela – o fenômeno acessa a coisa-em-si e a torna acessível. De acordo com filósofo fenomenólogo e contemporâneo Sartre:

Porque o ser de um existente é exatamente o que o existente *aparenta*. Assim chegamos à ideia de *fenômeno* como pode ser encontrada, por exemplo, na “Fenomenologia” de Husserl ou Heidegger: o fenômeno ou o relativo-absoluto. O fenômeno continua a ser relativo porque o “aparecer” pressupõe em essência alguém a quem aparecer. Mas não tem a dupla relatividade da *Erscheinung* kantiana. O fenômeno não indica, como se apontasse por trás de seu ombro, um ser verdadeiro que fosse, ele sim, o absoluto. O que o fenômeno é, é absolutamente, pois se revela *como é*. Pode ser estudado e descrito como tal, porque é *absolutamente indicativo de si mesmo* (SARTRE, 2011, p. 16).

Em “Ser e Tempo”, Heidegger defende a fenomenologia enquanto método: “A expressão ‘fenomenologia’ tem a significação primária de um *conceito-de-método*. Não caracteriza o quê de conteúdo-de-coisa dos objetos da pesquisa filosófica, mas o seu *como*” (HEIDEGGER, 2012, p. 101).

Assim, o filósofo desenvolve sua teoria de que o ser (ao meu ver, o estar) extrapola o âmbito do ente mais geral (mera categoria de classificação e/ou agrupamento). Para ele, esse ser/estar é relacional e depende da intencionalidade do Dasein (para Sartre, da consciência) no tempo. Dessa maneira, ele descreve um espaço que não está no escopo da geometria euclidiana, mas que diz respeito ao desenho interpretativo da intencionalidade no tempo. Para Heidegger, o fenômeno do ser não pode ser descrito, somente interpretado. Assim, podemos afirmar que a interpretação mais profunda é a interpretação artística.

É nesse sentido que, metodologicamente pretendo fazer uma investigação fenomenológica. Para isso, é preciso investigar literaturas, por serem objetos artísticos, ou seja, são os entes de uma verdade histórica.

A obra de arte abre à sua maneira o ser do ente. Na obra, acontece esta abertura, a saber, o desocultar, ou seja, a verdade do ente. Na obra de arte, a verdade do ente pôs-se em obra na obra. A arte é o pôr-se-em-obra da verdade (HEIDEGGER, 1977, p. 30).

As obras de arte (músicas, peças de teatros, mitos, pinturas, literaturas) reúnem significados preciosos que podem ser interpretados, pois foram constituídas intencionalmente a partir de projeções rumo a um futuro que produziram os vividos de uma época.

Ser obra quer dizer: instalar um mundo. [...] O mundo é sempre inobjectal a que estamos submetidos enquanto o caminho do nascimento e da morte, da bênção e da maldição nos mantiverem lançados no Ser. Onde se jogam as decisões essenciais da nossa história, por nós são tomadas e deixadas, onde não são reconhecidas e onde de novo são interrogadas, aí o mundo se mundifica (HEIDEGGER, 1977, p. 35).

Embora Silvia Federici, Clarissa Pinkola Estés e Renato Noguera não tenham declarado que suas investigações são fenomenológicas, apresento como sendo possível fazer uma análise a partir dessa perspectiva em relação a um recorte de seus trabalhos, especificamente quando se utilizam de peças, mitos e histórias (ou seja, da arte literária) para falarem do poder da fofoca entre as mulheres. Essas peças, mitos e histórias abrem a

possibilidade de uma interpretação fenomenológica, ou seja, em um nível ontológico (na perspectiva da intencionalidade no tempo).

Pensar o tempo no sentido fenomenológico é também inverter a chave de leitura comum de que o passado determina o presente. Para os fenomenológicos, especialmente para Sartre, é o projeto futuro que ilumina as decisões do presente. Para o filósofo, uma ação somente ocorre a partir de uma ideia nova, possível e não realizada. Além disso, para ele, “[...] o possível não poderia ser reduzido a uma realidade subjetiva. Também não é anterior ao real ou ao verdadeiro, mas é propriedade concreta de realidades já existentes. Para que a chuva seja possível, é necessário que haja nuvens no céu” (SARTRE, 2011, p. 150).

Nesse sentido, reescrever mitos, especialmente com a *arte-vida*, é uma forma de pensar em possibilidades e, conseqüentemente, é uma forma de transformação concreta do mundo.

O Ciclo de Chester e a fofoca

Silvia Federici, no livreto “A história oculta da fofoca” que foi publicado com o livro “Caça às bruxas”, utilizou-se de um mistério do Ciclo de Chester (conjunto de dramas religiosos do teatro medieval) para demonstrar que o termo “Gossip” (que em português significa “fofoca”) teve seu sentido modificado do século XIV para o século XVIII. Essa peça satirizava as mulheres que gostavam mais de ficar com suas amigas (suas “gossips”) do que com seus maridos.

Segundo ela, em sua história da palavra, no período medieval, o termo significava madrinha (a pessoa que tinha laços espirituais através do batismo) e logo se estendeu para amiga e para amizade. Mas depois adquiriu um sentido pejorativo, de coisa fútil, maldosa. Sentido esse que permanece nos dias atuais. Essa mudança de sentido do termo não ocorreu de maneira tranquila ou natural, mas, ao contrário, foi através de torturas contra aquelas que “falavam demais”.

Dessa maneira, na Idade Média tardia, uma esposa ainda podia ser representada enfrentando seu marido até mesmo trocando socos com ele, mas, no fim do século XVI, ela poderia ser punida com severidade por qualquer demonstração de independência ou crítica em relação a ele. A obediência – como a literatura da época enfatizava constantemente – era a primeira obrigação da esposa, imposta pela igreja, pelo direito, pela opinião pública e, em última análise, pelas punições cruéis que foram introduzidas contra as “rabugentas”, como o “*scold’s bridle*” [rédea ou freio das

rabugentas], também chamado de “brunks”, engenhoca sádica de metal e couro que rasgaria a língua da mulher se ela tentasse falar. Tratava-se de uma estrutura de ferro que circundava a cabeça, um bridão de cerca de cinco centímetros de comprimento e dois centímetros e meio de largura projetado para dentro da boca e voltado para baixo sobre a língua; muitas vezes era salpicado de pontas afiadas, de modo que, se a infratora mexesse a língua, aquilo causaria dor e faria com que fosse impossível falar. Registrado pela primeira vez na Escócia em 1567, esse instrumento de tortura foi criado como castigo para as mulheres das classes baixas consideradas “importunas” ou “rabugentas” ou “subversivas”, sempre suspeitas de bruxaria. Esposas que fossem vistas como bruxas, malvadas e rabugentas também eram forçadas a usá-lo. Muitas vezes, o instrumento era chamado “gossip bridle”, atestando a mudança no sentido do termo (FEDERICI, 2019a, p. 81).

O “gossip bridle” – um instrumento de tortura – foi colocado à força na boca das mulheres e fazendo com que o sentido de “gossip” fosse modificado. A alegação era de que essas mulheres eram bruxas. Porém, as bruxas nada mais eram que as mulheres comuns, que tinham controle de seus corpos, tinham conhecimento das plantas medicinais e faziam seus trabalhos domésticos.

As amizades femininas foram um dos alvos da caça às bruxas, na medida em que, no desenrolar dos julgamentos, as mulheres acusadas foram forçadas, sob tortura, a denunciar umas às outras, amigas entregando amigas, filhas entregando mães. Foi nesse contexto que “gossip” se transformou, de uma expressão de amizade e afeto, em um termo de difamação e ridicularização (FEDERICI, 2019b, p. 10).

Além do “gossip bridle” ser responsável pela mudança de sentido do termo “gossip”, as denúncias forçadas também foram responsáveis pelo sentido pejorativo que a palavra adquiriu. O poder brutal do patriarcado tentou fazer com que as mulheres se tornassem subservientes e perdessem a força que tinham com a união entre elas, a partir de trabalhos coletivos.

Imputar um sentido depreciativo a uma palavra que indicava amizade entre as mulheres ajudou a destruir a sociabilidade feminina que prevaleceu na Idade Média, quando a maioria das atividades executadas pelas mulheres era de natureza coletiva e, ao menos nas classes baixas, as mulheres formavam uma comunidade coesa que era a causa de uma força sem-par na era moderna (FEDERICI, 2019b, p. 3).

O Barba Azul e a fofoca

Clarissa Pinkola Estés também se utiliza de obras-de-arte em suas interpretações. Ela traz histórias e mitos, em seu livro intitulado “Mulheres que correm com os lobos”. Em pelo menos um deles, ela mostra o poder da fofoca. Inclusive, ela faz uma comparação sobre a curiosidade do homem e da mulher: como são vistas pela sociedade em geral de maneira tão

distinta. Enquanto a curiosidade masculina é vista como um ato investigativo, a curiosidade feminina é vista de maneira pejorativa.

Foi atribuída à curiosidade feminina uma conotação negativa, enquanto a masculina era chamada de curiosidade investigativa. As mulheres eram abelhudas, enquanto os homens eram indagadores. Na realidade, a trivialização da curiosidade das mulheres, que faz com que elas se assemelhem mais a espiãs chatas e maçantes, representa uma negação do *insight*, da intuição e dos pressentimentos das mulheres. Ela nega todos os seus sentidos (ESTÉS, 2018, p. 67).

A autora usa para isso o mito do Barba Azul. De acordo com o mito, um pedaço de barba pode ser encontrado em um museu governado por freiras, embora não se sabe como esse pedaço de barba tenha chegado até lá. Conta-se que o Barba Azul se apaixonou por três jovens irmãs e as cortejava. Porém, elas e a mãe delas tinham muito receio dele. Para conquistar a confiança das donzelas, ele propôs uma cavalgada no parque, que elas e a mãe delas aceitaram. Nesse passeio, foram muito bem tratadas, contudo a irmã mais velha e a do meio permaneceram desconfiadas, enquanto a mais jovem apaixonou-se pela distinção do rapaz. Acabaram se casando, mas certo dia, Barba Azul disse que viajaria. Disse ainda que sua esposa poderia usufruir de todas as riquezas do castelo, mas que não poderia usar uma chave específica. Entregou-a a ela. Ela convidou suas irmãs para ficarem no castelo com ela e contou o ocorrido. As irmãs instigaram-na a procurar onde a chave serviria. Ela cedeu e tal chave se encaixou em um quarto próximo ao porão, onde elas encontraram cadáveres. Ficaram muito assustadas e saíram, mas a chave começou a sangrar. A esposa fez de tudo para que a chave se limpasse e se cauterizasse, mas não foi possível. Então ela guardou a chave no guarda-roupa. Quando Barba Azul chegou, ele viu todas as roupas sujas de sangue. Logo, descobriu a desobediência da esposa, quis matá-la e enviá-la também para o tal quarto, que já acumulava outras esposas curiosas. Ela pediu um tempo para rezar e foi concedido isso a ela. Enquanto isso, seus irmãos chegaram e mataram o Barba Azul.

Segundo Estés, esse tipo de história nos faz pensar em sentidos profundos de nossa existência: “Encontrar a mínima porta é importante; desobedecer às ordens do predador é importante; descobrir o que esse quarto abriga de especial é fundamental” (2018, p. 67). Sem essa descoberta, a esposa não conheceria verdadeiramente quem era o Barba Azul e viveria uma mentira, com um perigo sempre iminente, pois, “se existe algo de secreto, se existe algo de sombrio, se existe algo de proibido, é preciso que seja examinado” (2018, p. 68).

Éstes fala da importância da vivência dos contos, de como eles nos constituem, como passamos a perceber coisas não percebidas antes deles e sobre como as vidas se transformam depois dos contos.

Num sentido muito real, ficamos impregnadas de conhecimento só por termos dado ouvidos ao conto. Entre junguianos, isso se chama “mística de participação” – um termo tomado de empréstimo do antropólogo Lévy-Bruhl – e é usado para designar um relacionamento no qual “a pessoa não consegue se distinguir como entidade separada do objeto observado”. Entre freudianos, é uma atitude chamada de “identificação projetiva”. Entre os contadores de histórias, ela é chamada de “magia solidária” – querendo dizer a capacidade da mente de se afastar de seu ego por um tempo e se fundir com outra realidade, ali vivenciando e aprendendo ideias que ela não pode aprender em nenhuma outra forma de consciência para depois trazê-la de volta à realidade consensual (ESTÉS, 2018, p. 434).

É possível fazer um paralelo também com a fenomenologia, em relação a essa “identificação projetiva” dos freudianos, desde que se acrescente o caráter da possibilidade da transformação da história. Para isso eu me inspiro em Renato Nogueira e em Sartre.

Para Sartre, nenhuma ação ocorre se não for a partir de uma ideia nova, possível, desejada e não realizada ainda. Dessa maneira, há duas possibilidades de pensarmos a transformação das histórias: primeiro, como novos vividos, segundo, como abertura de novas possibilidades. Quando eu me refiro aos novos vividos, penso mesmo em biografias. Para Sartre, as categorias gerais não são suficientes para abarcar toda a complexidade da existência, por isso ele dá ênfase à necessidade da investigação das singularidades observadas no passado, para compreender o futuro (o projeto original). Quando me refiro a abertura de novas possibilidades, falo do poder da criação, pois, segundo Sartre, nenhum estado de dor é suficiente para a realização da ação. Assim, pensar no que poderia ser feito e em como gostaríamos que as coisas fossem são a própria criação de novas existências.

Eu me inspiro também em Renato Nogueira, porque em seu livro “Mulheres e Deusas”, o autor tem a brilhante ideia de reescrever um dos mitos. Absorvo aqui sua atitude como parte da metodologia desse trabalho, mas não pretendo discutir aqui sobre o mito que ele reescreve. Para esse trabalho, pretendo discutir sobre dois mitos que constam também em seu livro: um judaico-cristão e o outro iorubá; pois esses serão importantes para continuarmos com o tema que escolhemos nesse momento: a fofoca.

Eva, Oxum e a fofoca

Primeiramente, lembremo-nos do mito de Adão e Eva. A serpente incentiva Eva a comer o fruto proibido a Adão por Deus: fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Ela come e oferece a Adão. Ambos passam a perceber que estão nus e assim Deus percebe que tinham comido da árvore do conhecimento. Assim, Deus os expulsa do paraíso e os imputa a obrigação do trabalho ao homem, bem como as dores no parto à mulher. À curiosidade da mulher é atribuída toda a culpa da não obediência do homem a Deus.

A partir do livro “Mulheres e Deusas”, de Renato Noguera, podemos levantar a possibilidade de que a serpente fosse, na verdade, Lilith, a primeira esposa de Adão, que não aceitou a subjugação.

Isso é possível porque Renato Noguera destaca algumas passagens na própria bíblia, que sugerem que haveria uma mulher, anterior à Eva, feita de barro, assim como Adão. Ele também cita estudos iconográficos que reconhecem Lilith (2018, p. 121-122). Cita, inclusive, um poema mesopotâmio de 2100 a.C. que chama Lilith de demônio (2018, p. 122). Noguera ainda fala que no Alfabeto de Bem Sirá, do século VII, consta que Lilith negou-se a deitar-se com Adão e que teria saído voluntariamente do paraíso. Além disso, “textos hebraicos e rendições artísticas de Lilith a descrevem como uma mulher alada e serpentina” (NOGUERA, 2018, p. 124).

Assim, podemos construir uma interpretação de que Deus puniu a “fofoca” entre as mulheres: entre a serpente, que seria Lilith, e Eva. Assim, a fofoca seria a responsável por levar Eva ao conhecimento de sua condição e de “infernizar” Adão por ter descoberto a verdade. A partir dessa interpretação, podemos compreender a intencionalidade que cria necessidade do controle das mulheres, para que elas não adquiram conhecimentos.

Também nesse mesmo livro, há um mito iorubá, que sugere a necessidade do controle da união entre as mulheres em relação aos conhecimentos. Nesse mito específico, há uma trama dos orixás masculinos contra as orixás femininas, a fim de que elas parassem de fofocar (NOGUERA, 2018, p. 87-91). Resumo aqui a história: como condição para se casar com Orumnílá, o orixá da sabedoria, Oxum pede que não houvesse segredos entre eles. Contudo, quando ela exige a revelação dos segredos dos caminhos humanos – Odu Ifá – esse conhecimento é negado. Com ajuda de Exu, que é o orixá que abre caminhos, ela tem acesso a um rascunho do estudo desses caminhos feito pelo próprio Exu. De posse desses segredos, ela passa a se reunir com Obá e Iansã, para o estudo desse rascunho. Contudo, Orumnílá

descobre e fica furioso. Desenvolve um plano para conter a disseminação da sabedoria feminina: todos os orixás deveriam se casar. Depois de sua ordenação, dois orixás permaneceram solteiros: Obá – orixá guerreira que não se preocupava com a beleza – e Xangô, que era o grande galanteador e que prezava por sua liberdade. Xangô foi convocado e foi pedido a ele que se casasse com Obá. A princípio ele se recusara. Mas então foi oferecido a ele mais duas mulheres. Uma seria Iansã e a outra ele poderia escolher. Como terceira esposa, Xangô escolheu Oxum, que era justamente a esposa de Orumnilá. Orumnilá prefere então abrir mão de sua esposa do que permitir que Obá ficasse sem marido, pois uma única orixá feminina sem casamento seria um grande perigo para a dominação das mulheres sobre os homens. Assim, Obá, Oxum e Iansã desposaram Xangô, deixaram para trás seus estudos e a vida pública, dedicavam-se somente à vida doméstica e passaram a ser rivais em disputa pela atenção de Xangô.

Nesse mito, podemos observar o perigo da sororidade entre as orixás femininas para os orixás masculinos. Não porque eles passariam a ser subjugados, mas porque deixariam de ter seus privilégios.

Ainda seguindo em uma perspectiva fenomenológica, que compreende que os mitos são constituídos historicamente e que não há propriamente uma essência, proponho a reescrita dos mitos, a partir do vivido. Podemos identificar Oxums, Obás, Iansãs, Evas, que são mulheres que resistem, bem como identificar Barbas Azuis, Orumnulas, Xangôs e Deuses que criam obstáculos para as mulheres. A partir disso, podemos reescrever os mitos, na compreensão de que a existência precede a essência.

Reescrevo aqui o final do mito de Oxum. Iansã, Obá e Oxum perceberam que suas vidas estavam muito reduzidas. A que se sentia mais injuriada era Obá, que tinha perdido até mesmo sua capacidade de ouvir muito bem. Então ela foi a primeira a romper com Xangô e voltou a se dedicar à busca do conhecimento. Iansã, vendo que a vida de Obá estava melhor sem Xangô, decidiu também abandonar aquele relacionamento. Oxum permaneceu com Xangô, mas não deixou mais que seus estudos fossem interrompidos. E sua amizade com Obá tornou-se cada vez mais estreita.

Conclusão

Mostramos que é possível subverter o estereótipo da fofoca a partir de uma perspectiva fenomenológica. A peça de teatro escolhida por Silvia Federici, o conto trazido por Clarissa Pinkola Estés, os mitos retomados por Renato Noguera são entes que desvelam o ser, que provocam a abertura para o mais profundo.

Uma palavra com sentido diverso, na era medieval, abriu a possibilidade de Silvia Federici interpretar esse ser “fofoca das mulheres” e de revelar a historicidade da transformação do sentido dessa palavra pela tortura e atrocidades dos homens.

Através do conto do Barba Azul, Clarissa Pinkola Estés também revela as contradições do sentido do ato da curiosidade masculina e feminina. Essas contradições nos revelam o ser da fofoca e nos permite interpretar que a fofoca das mulheres adquire um caráter pejorativo, diferentemente das fofocas dos homens (com caráter investigativo positivo), como mecanismo de controle.

Com Renato Noguera, aprendemos que os mitos revelam a verdade histórica, mas que podem ser transformados, assim como nossas vivências. Ele traz o mito de Eva e nos mostra a possibilidade de interpretação de que havia uma mulher anterior a ela, que não aceitou se submeter a Adão. Lilith é apresentada como essa tal mulher, que também pode ser interpretada como a própria serpente. Figuras femininas que buscam o conhecimento.

Com o mito de Oxum, vimos que a fofoca possui poder de transformação da realidade e que o casamento é uma tentativa de controle desse poder.

Reescrevi o final do mito a partir da identificação de pessoas reais com os orixás para mostrar que a resistência faz parte do vivido e que a sororidade entre as mulheres possui caráter de contraposição à submissão aos homens.

Fofoqueira e fuxiqueira são palavras usadas hoje para estereotipar mulheres. E Esses estereótipos existem com o objetivo de minimizar o poder da fofoca. Mostramos que essa preocupação masculina da força das mulheres através da união e da “fofoca” antecede muito o século XIV.

Subverter o sentido da fofoca, mostrar o seu sentido positivo, não é o mesmo que prescrever a fofoca como um bem universal, posto que defendemos a importância da singularidade do vivido-escolhido. Por outro lado, a apresentação desse sentido dessa palavra

de maneira não tão usual, abre a possibilidade para as mulheres unirem-se, organizarem-se, trocarem conhecimentos e compartilharem atividades, sem o peso da opressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução de *Women who run with the wolves*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019a.

FEDERICI, Silvia. *A História oculta da fofoca*: mulheres, caça às bruxas e resistência ao patriarcado. Tradução de Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019b.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organizado por Arthur Ituassu. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

NOGUERA, Renato. *Mulheres e deusas*: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

SARTRE, J-P. *O ser e o nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SARTRE, J-P. *Esquisse d'une théorie des émotions*. Paris : Hermann, 1995.

SARTRE, J-P. *Critique de la Raison dialectique – précédé de Question de méthode – tome 1 : Théorie des ensembles pratiques*. Paris : Gallimard, 1985.

SARTRE, J-P. *L'êtr e néant – Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.